

## Mente produtiva

# MENTE PRODUTIVA

Iniciativa promove a inserção social de portadores de doenças mentais com a produção e venda de artesanato e de papel ecológico que se transforma em grama

POR NEUZA SANCHES FOTOS ROBERTA DABDAB

Num armazém de 1,2 mil metros quadrados rodeado de vitrôs na cidade paulista de Guarulhos funcionam sete oficinas de trabalho artesanal onde são produzidos mais de uma centena de produtos, como velas, luminárias, potes forrados com mosaico de vidro, xales, cintos, bolsas e papéis feitos com fibras naturais. Apesar do clima aparentemente tranqüilo, psicólogos, sociólogos e terapeutas ocupacionais estão atentos aos gestos e movimentos dos 100 trabalhadores que chegam ali por volta das 8 horas e saem no meio da tarde. A maioria deles sofre de esquizofrenia, um transtorno mental que atinge cerca de 1,8 milhão de pessoas no Brasil. São homens e mulheres entre 25 e 40 anos, oriundos de famílias de baixa renda e que integram o Projeto Tear – Oficinas de Trabalho, Terapia e Arte, que tem por objetivo ensinar um ofício e dar oportunidade de integração social a adultos com doenças mentais.

“Muitas dessas pessoas ficavam sentadas em um sofá o dia inteiro, sem fazer nada. Ou então saíam dos internatos e não tinham um local onde pudessem ter algum tipo de orientação para se integrar à sociedade e à família”, afirma a psicóloga Valéria Bianchini, coordenadora-geral

## QUEM É VALÉRIA BIANCHINI

**IDADE** 46 **ORIGEM** Franco da Rocha, São Paulo  
**FORMAÇÃO** Psicologia pela Faculdade Paulistana de Ciências e Letras **CARREIRA** Trabalha há 23 anos em serviços de saúde pública e com pacientes que sofrem de transtornos mentais **PROJETO** Coordena o Projeto Tear – Oficinas de Trabalho, Terapia e Arte desde 2003  
**LIVRO** Escreveu *O Desafio da Reabilitação Profissional*

do projeto. Um dos pacientes da oficina de vitrais exemplifica o que diz Valéria. Com 38 anos, ele está no projeto há dois. Antes, passou por dez internações e 138 sessões de eletrochoque para conter as crises que sofria. Na casa dos pais, não fazia nada. Nem mesmo andava desacompanhado nas ruas. Em dois anos, a evolução é visível. Hoje ele mora sozinho, consegue se relacionar com a ex-mulher e a filha de 6 anos e segue à risca o tratamento médico.

Para que a engrenagem do Projeto Tear funcione, há uma parceria entre a Prefeitura de Guarulhos, que paga o

**Mente produtiva**

aluguel do armazém, a alimentação de todos os pacientes e os salários dos funcionários, cedidos pela Secretaria da Saúde, e a indústria farmacêutica Pfizer, que investiu R\$ 1,1 milhão no projeto, em três anos. Além disso, os produtos feitos nas oficinas são vendidos numa loja que funciona no mesmo espaço. Para gerar cada vez mais produtos interessantes, que despertem a atenção, o Projeto Tear investe em experiências que começam a dar resultado. A última foi a do papel reciclado que, uma vez plantado, pode germinar grama. A idéia surgiu depois que a montadora Honda importou brindes com esse tipo de papel para utilizá-los em campanhas internas de conscientização ecológica. A rede de varejo Wal-Mart consultou a coordenadora do Projeto Tear para saber se seria possível produzir o papel. A socióloga Rosemeire de Almeida, monitora da oficina de papel, começou então os testes.

Feito com sementes, o papel se decompõe na terra em dez dias e faz brotar a grama. A decomposição rápida se dá porque as sementes permanecem vivas durante a fabricação e o uso do papel, que não passa por processo químico durante a confecção. O Wal-Mart encomendou 600 folhas, para usar em campanhas internas de marketing. O preço final de cada folha de papel ecológico chega a R\$ 1,25, mas pode cair para R\$ 0,90 se a produção exceder 500 folhas. Não é, portanto, economicamente viável, já que uma folha de sulfite comum custa por volta de R\$ 0,36. Mas além do ganho para o meio ambiente, produtos como esse trazem visibilidade e receita para o Projeto Tear. A Pfizer, por exemplo, já chegou a comprar 2 mil folhas de papel feitas com fibras de alface, outro produto desenvolvido no projeto. Além de alface e grama, a oficina já testou fibras retiradas de cascas de cebola, troncos de bananeira e talos de beterraba e couve-flor.

Mais do que ensinar um ofício, o Projeto Tear mostra aos trabalhadores como obter matéria-prima reciclável para fazer os produtos, a matemática dos custos de produção e o cálculo da rentabilidade mensal pelo que se vende. O senso de responsabilidade e a reconquista da auto-estima dos pacientes são consequência do trabalho em grupo. Não há remuneração fixa. Cada paciente recebe o que se chama

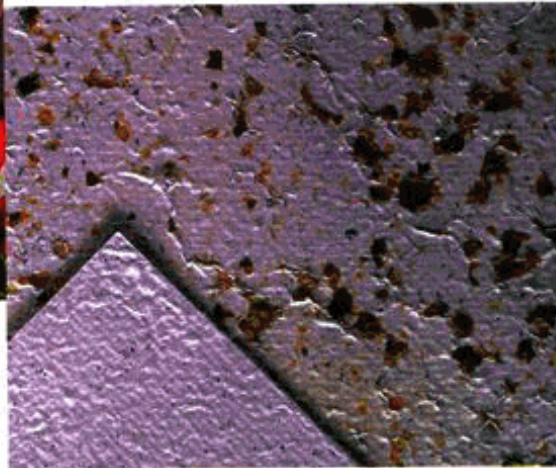


## APÓS PASSAR PELO PROJETO, 13 PACIENTES CONSEGUIRAM EMPREGO FORA

no projeto de bolsa-ofício. A remuneração mensal depende diretamente do resultado de vendas de cada oficina. A matemática da bolsa-ofício é simples: do valor obtido com a venda total no mês, retira-se o custo do material utilizado e 10% para um fundo comum, usado para a compra de materiais, como etiquetas e embalagens. O restante é dividido entre o grupo que trabalhou na produção daquele item. Já houve mês em que o rendimento ficou em minguados R\$ 10, e outros em que alcançou R\$ 600 por trabalhador.

A ordem é evitar desperdício. "Se vocês colocarem muita cola no frasco e usarem somente uma parte, o restante terá de ser jogado fora, porque seca. No fim do mês, quando fizerem as contas do que venderam e tirarem o custo dos ma-

Mente produtiva



**REABILITAÇÃO PELO TRABALHO** Portadores de transtornos mentais em oficinas onde produzem objetos de madeira, trabalham em tear e fazem papel com sementes que germinam. A produção é vendida e o dinheiro dividido entre os pacientes

teriais, verão que o resultado poderia ter sido melhor”, afirma pacientemente a monitora e socióloga Rosemeire de Almeida, sob os olhares atentos de seus pacientes da oficina de papel.

Ingressar no projeto não é fácil. Primeiro porque há limite de vagas. São 100, mas em casos extremos esse número é estendido. Também não há tempo limitado de permanência. Normalmente, quando alguém sai é porque conseguiu um emprego ou desistiu por algum motivo. Os pacientes são encaminhados pela Secretaria de Saúde Mental do município. Mas para isso têm de estar em tratamento, com medicação, e recuperados das crises agudas. Uma vez no projeto, a iniciativa de trabalhar em alguma empresa parte do paciente. Há casos como o de um que trabalhava na oficina de vitrais que manifestou o desejo de arrumar emprego e teve o apoio da equipe do projeto. Há um ano ele trabalha como ajudante no terminal de cargas do Aeroporto Internacional de Guarulhos. No ano passado, 13 pacientes conseguiram uma colocação no mercado de trabalho.

A responsável pelo projeto é Valéria Bianchini, uma psicóloga que trabalha há 23 anos no serviço de saúde pública e com pacientes que sofrem de transtorno mental. Valéria tem vários trabalhos publicados, entre eles o livro *O Desafio da Reabilitação Profissional*, lançado em 2007. Ela coordena os 19 profissionais, entre psicólogos,

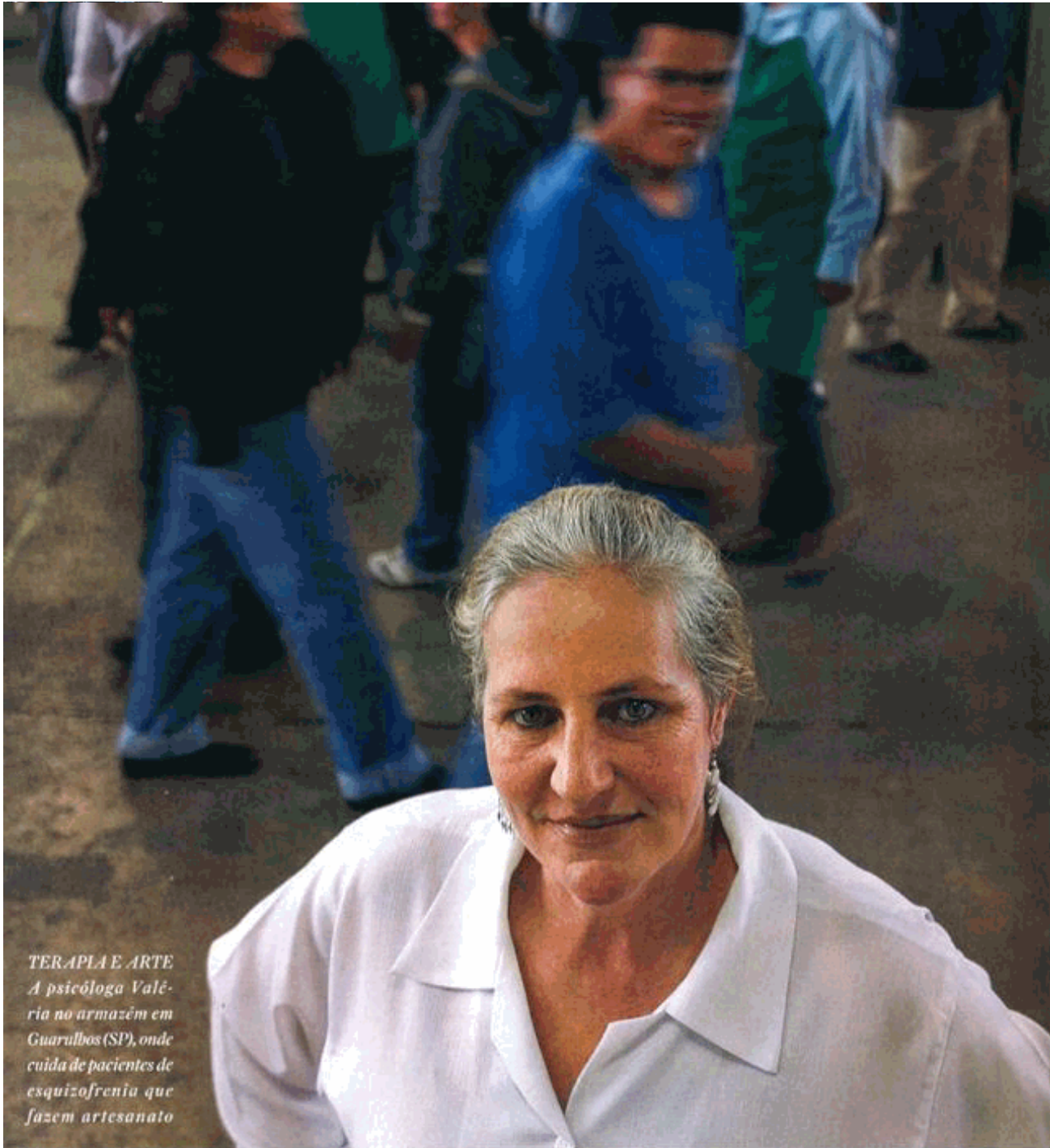
terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, artistas plásticos e sociólogos, cedidos pela prefeitura de Guarulhos.

A idéia do Projeto Tear surgiu há cinco anos, inspirada na experiência bem-sucedida da Associação Cornélia Vlieg, sediada na cidade paulista de Campinas. Esta ONG foi criada em 1993 por familiares de pacientes e funcionários de serviços de saúde mental que propunham a retirada dos doentes dos hospitais. A busca de estratégias para sua inclusão na sociedade e na família resultou na criação de serviços diversificados como alternativas ao hospital, para possibilitar a reabilitação psicossocial dos doentes. A pedido da **Pfizer**, a idéia percorreu os 90 quilômetros que separam Campinas de Guarulhos. A indústria de medicamentos tem uma de suas principais fábricas em Guarulhos, com 144 mil metros quadrados, 2 mil funcionários e produção de 170 milhões de unidades/ano de medicamentos, exportados para 60 países. “Nossa preocupação foi oferecer benefício à comunidade onde a fábrica está instalada”, diz Cristiane Santos, gerente de comunicação corporativa da Pfizer. “Com o sucesso do projeto, a **Pfizer** estuda a possibilidade de ampliar o número de pacientes atendidos ou aumentar as oficinas no ano que vem”, afirma. ■



VEJA MAIS FOTOS DO PROJETO TEAR EM  
[WWW.EPOCANEGOCIOS.COM.BR/EXTRAS](http://WWW.EPOCANEGOCIOS.COM.BR/EXTRAS)

**Mente produtiva**



*TERAPIA E ARTE  
A psicóloga Valéria no armazém em Guarulbos (SP), onde cuida de pacientes de esquizofrenia que fazem artesanato*